

José Camilo Nunes Neto
Gardene Leão de Castro

REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO CHORINHO NA MÍDIA: desocupação e violência nos espaços públicos



JOSÉ CAMILO NUNES NETO
GARDENE LEÃO DE CASTRO

**REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO CHORINHO NA MÍDIA:
DESOCUPAÇÃO E VIOÊNCIA NOS ESPAÇOS PÚBLICOS**

ISBN 978-65-979915-1-8



JOSÉ CAMILO NUNES NETO
GARDENE LEÃO DE CASTRO

**REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO CHORINHO NA MÍDIA:
DESOCUPAÇÃO E VIOLÊNCIA NOS ESPAÇOS PÚBLICOS**

ISBN 978-65-979915-1-8



2026 Editora Kennis
Copyright © Editora Kennis
Copyright do Texto © 2026 Os autores
Copyright da Edição © 2026 Editora Kennis
Direitos para esta edição cedidos à Editora Kennis pelos autores.

Capa: Designed by Editora Kennis

Imagem da Capa: Foto gerada pelo Google Gemini

Diagramação e Edição de Arte: Editora Kennis

Revisão: Os Autores

CONSELHO EDITORIAL

Dr. Charlyan de Sousa Lima

Dr. Diego Amorim dos Santos

Dr. Ivandro Carlos Rosa

Dra. Karlyene Sousa da Rocha

Dra. Kaiomi de Souza Oliveira Cavalli

Dr. Leonardo De Ross Rosa

Dra. Marcele Scapin Rogerio

Dra. Mayara da Cruz Ribeiro

Dra. Paula Michele Lohmann

Dr. Renato Santiago Quintal

Diagramação: Editora Kennis
Edição de Arte: Editora Kennis
Revisão: Os Autores
Autores: José Camilo Nunes Neto
Gardene Leão de Castro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nunes Neto, José Camilo

Representação social do Chorinho na mídia [livro eletrônico] : desocupação e violência nos espaços públicos / José Camilo Nunes Neto, Gardene Leão de Castro. -- Chapadinha, MA : Editora Kennis, 2026.

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-979915-1-8

1. Comunicação 2. Espaços públicos 3. Mídia - Aspectos sociais 4. Representações sociais 5. Sociedade - Brasil 6. Violência - Aspectos sociais I. Castro, Gardene Leão de. II. Título.

26-355171.0

CDD-302.23

Índices para catálogo sistemático:

1. Violência : Comunicação social : Sociologia
302.23

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

O conteúdo do livro, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. O download da obra e o seu compartilhamento somente são autorizados desde que sejam atribuídos créditos aos autores, sem alterá-la e de nenhuma forma utilizá-la para fins comerciais.

Editora Kennis
Chapadinha – Maranhão – Brasil
www.editorakennis.com.br
publica.editorakennis@gmail.com



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
CAPÍTULO 01 - VIOLÊNCIA URBANA E INSEGURANÇA.....	9
CAPÍTULO 02 - ESPAÇOS PÚBLICOS, LAZER PRIVADO E MÍDIA.....	22
CAPÍTULO 03 - REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	28
CAPÍTULO 04 - METODOLOGIA	32
CAPÍTULO 05 - GRUPO FOCAL	43
CAPÍTULO 06 - CONSIDERAÇÕES.....	56
REFERÊNCIAS.....	57
AUTORES	59

Ainda vão me matar numa rua.
Quando descobrirem,
principalmente,
que faço parte dessa gente
que pensa que a rua
é a parte principal da cidade."

Leminski; Toda Poesia - [quarenta clics em Curitiba; 1976]

APRESENTAÇÃO¹

O chorinho é um dos meus eventos favoritos em Goiânia por diversos fatores, como a facilidade de acesso por acontecer no centro da cidade, gratuidade e público diverso. Percebi que nada via sobre ele na mídia até que ocorresse algum ato de violência no local. Além disso, após a veiculação desses acontecimentos, a próxima edição se torna vazia e mais perigosa. Sendo assim, como estudante de comunicação, comecei a me incomodar participação dos meios de comunicação no processo de desocupação e aumento da violência em um dos poucos eventos gratuitos e acessíveis da cidade.

É precisamente esse o objetivo do trabalho: entender como a mídia cria um imaginário de violência em torno do evento e como esse imaginário contribui ativamente para o processo de desocupação do espaço e aumento da violência. O modo como as representações afetam a realidade comum são conhecidos por Moscovici, como visto no trecho seguinte:

Há numerosas ciências que estudam a maneira como as pessoas tratam, distribuem e representam o conhecimento. Mas o estudo de como, e porque, as pessoas partilham o conhecimento e desse modo constituem sua realidade comum, de como eles transformam idéias em prática - numa palavra, o poder das idéias - é o problema específico da psicologia social. (Moscovici, 1990a:164)

¹ Trechos desta pesquisa foram publicados anteriormente como capítulo de livro com o título “Representações sociais do chorinho na mídia: desocupação e violência nos eventos que acontecem nos espaços públicos”, no livro: Utopias e distopias em Relações Públicas: reflexões, possibilidades e resultados de uma profissão sistêmica. 1ed.Goiânia: , 2021, v. 1, p. 85-105 e publicado no Intercom 2020, Salvador. Um mundo e muitas vozes: da utopia à distopia?. Bahia: Intercom, 2020. v. 1. p. 1-15.

O autor entende as representações sociais como um conjunto de ideias e práticas que organiza a forma como as pessoas relacionam-se e comportam-se. Nesse sentido, é a partir das mesmas que a comunicação se torna possível. Sendo assim, as mesmas influenciam diretamente o relacionamento e entendimento dos diversos grupos sociais.

Esse trabalho vai partir das representações sociais, forma de análise criada por Moscovici, para analisar a participação das mídias de massa, especificamente o Jornal Daqui, na construção desse conhecimento compartilhado.

O veículo escolhido para análise, o Jornal Daqui, é o de maior tiragem no estado de Goiás e primeiro lugar em vendas nacionalmente (BRAGA, 2019). Além disso, o público do daqui, classe C e D, se encaixa no perfil proposto pelo chorinho, o de ser um evento gratuito e acessível; portanto, nada melhor do que analisar esse veículo de comunicação para entender o imaginário que eles têm sobre o evento.

O tema de estudo proposto contribui para a área da comunicação, já que é necessário entender a participação da mesma no processo de ocupação e desocupação dos espaços, aumento da violência e criação das representações sociais. Através desses estudos, pode-se pensar em maneiras alternativas de como a grande mídia pode contribuir para o crescimento e aumento da segurança dos eventos que acontecem em espaços públicos.

O trabalho começa explorando os conceitos gerais que serão estudados: violência urbana, segurança pública, mídia e representação sociais. Busca-se primeiro entender o que é cada um desses conceitos, para depois entender a relação entre mídia e os mesmos. O levantamento das matérias veiculadas com relação ao chorinho vem em seguida, pontuando os traços comuns entre elas sobre o evento. A análise dessas informações é comparada no final do trabalho com a pesquisa feita com pessoas que frequentam o local.

CAPÍTULO 01

VIOLÊNCIA URBANA E INSEGURANÇA

Entender a violência é importante para compreender o funcionamento dos grandes centros urbanos. Esses locais giram em torno da violência, como pode ser observados nos jornais que divulgam constantemente acontecimentos violentos, das propagandas de artefatos que garantem a segurança ou de políticos que se elegem com discursos contra a violência. Dessa forma, o que se pretende dizer com girar em torno da violência, não significa necessariamente que sejam locais violentos, mas que o discurso da violência faz parte dos diversos âmbitos da vida das pessoas, como político, lazer e muitos outros.

O que se percebe é uma sociedade com maior sensação de insegurança, constantemente alimentada pelo medo. Dessa forma, as pessoas se sentem cada vez mais inseguras, procuram cada vez mais a segurança privada e recuam da vida pública o máximo possível.

Compreender a violência é, portanto, aspecto fundamental para entender a vida nos grandes centros urbanos. Ao analisar as pesquisas sobre violência, é notável que existem inúmeras descrições para a mesma. Essas definições sugerem diferentes âmbitos: psicológica, física e moral (BOURDIEU, 2003; ADORNO, 2002 e CHAUI, 2003). Micheud (2001) concorda com a dificuldade em se definir um conceito único, mas propõe:

há violência quando, numa situação de interação um ou vários autores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, moral, em suas posses simbólicas e culturais. (MICHEUD, y, 1988, p11)

Micheud já tenta dar conta nessa definição dos diferentes tipos de violência, ou seja, já percebe a natureza multifacetada. Sendo assim, ele já compreende a violência em diversas formas, não somente como agressão física. Porto (2002) entende o conceito do autor como de natureza operacional e pontua que “não chega a ser totalmente isento de ambiguidades, sendo a primeira delas a imprecisão sobre a intencionalidade ou não do agente”. Ou seja, ainda que essa definição já dê conta de pontos importantes, como visto anteriormente, ela ainda deixa alguns pontos imprecisos, como a intencionalidade do sujeito em cometer o ato de violência. Mesmo com essa ressalva, a autora observa ainda que, embora tenha ressalvas, esse conceito permite a análise a partir do ponto de vista histórico-cultural, já que leva em conta as dimensões materiais e simbólicas da violência. Nesse sentido, o que se percebe é a necessidade de entender a violência analisando o contexto da sociedade, da época e outros fatores que possam modificar a compreensão da mesma no ambiente onde estão inseridas.

Misse (1999) afirma que se deve falar em violências, já que é um conceito polissêmico e suas raízes são múltiplas. Sendo assim, a proposta do autor é entender as violências de forma a levar em conta as características individuais. Porto (2010) concorda e explica que o motivo desse caráter polissêmico e múltiplo é porque se deve “considerar que aquilo que, em um dado momento, numa dada sociedade, é considerado violência varia segundo a natureza da sociedade considerada” (PORTO, 2002). Um exemplo dessa característica mutável da violência é, por exemplo, uma sociedade na qual só quem tem acesso à educação é quem pode pagar por ela. Se olharmos pela ótica de uma sociedade que concorde que isso não é dever do estado, então não podemos chamar de violência. Já se olharmos pelo ponto de vista contrário, então é conceituado como uma forma de violência simbólica. Por violência simbólica Bourdieu considera:

[...] violência suave, insensível, invisível as suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento [...] (BOURDIEU, 2002,p.7).

Nesse sentido, a violência simbólica é, então, uma forma de violência que não faz uso da força, mas que não afeta menos por isso. É precisamente pela falta de uso da força que esse tipo de violência é menos reconhecível. Ao considerarmos a grande mídia, por exemplo, que o autor considera uma das detentoras do poder de usar a violência simbólica, a mesma consegue fazer uma censura invisível já que, quando divulga um conteúdo em detrimento de outro que afeta a vida da sociedade, então está escolhendo o que pode ou não ser visto pelas pessoas. Sendo assim, esse conteúdo influencia na informação e conhecimento e é, portanto, a grande mídia fazendo uso do poder simbólico que possui.

Wieviorka (2006) compreende que as abordagens clássicas da violência, embora tenham um papel importante para análise, devem ser repensadas, colocando-se a noção de sujeito. Nesse sentido, o autor compreende que o sujeito que pratica a violência é, também, um sujeito fruto da própria violência. Nas palavras do autor, "a violência é, frequentemente, ao menos em parte ou na origem, a marca de um sujeito contrariado, interditado, impossível ou infeliz". O autor compreende que um sujeito frustrado, privado dos acessos a bens materiais, culturais e outros, pode vir, portanto, a praticar violência. Para ele, é necessário para combater a violência, políticas econômicas e culturais que retirem o sujeito desse local de sujeito frustrado, interditado e infeliz. Portanto, uma política que dê acesso aos bens de consumo, cultura, lazer e outros. É assim que o autor compreende que a violência não pode ser vista somente como um ato do sujeito, mas deve ser entendida inserida em sistemas sociais, culturais e políticos.

Dessa forma, para se compreender a violência, devemos compreender o contexto no qual os sujeitos que a praticam estão inseridos. Wiekorva (2006) também se debruça sobre a facilidade de circulação de informações que acontece devido à globalização. Dessa forma, o autor nota que vivemos a era das vítimas, o que faz com que as pessoas passem a compreender a violência apenas como algo que afeta suas vidas, sem entender o contexto político, social e cultural.

VIOLÊNCIA URBANA, MEDO E INSEGURANÇA

É dessa forma, portanto, que a violência chega nos grandes centros urbanos: a informação sobre esses atos violentos circulando em questão de segundos, os jornais falando a todo momento sobre assassinatos, roubos e todo o tipo de violência que ocorre nesse local.

Para Roché (1994), o crescimento das novas violências urbanas causa o aumento da sensação de insegurança na sociedade. O autor define que “por sentimento de insegurança, entendem-se as manifestações de medo pessoal ou as preocupações com as ordens verbais, comportamentais, individuais ou coletivas”. (1993, p.135). Dessa forma, as cidades têm se tornado um antro de pessoas constantemente preocupadas, que evitam ao máximo a vida e os locais públicos.

Porto (2010) pesquisa o fenômeno da violência no Brasil e entende que, no processo de globalização e surgimento dos meios de comunicação, houve uma maior divulgação e espetacularização da mesma. É assim que, por exemplo, o número de telejornais e jornais sensacionalistas tem aumentado. Até debates políticos, que deveriam girar em torno de diversas pautas, costumam se deter apenas ou por muito tempo na violência, deixando de lado outros aspectos importantes da sociedade (saúde, educação e outros). Nesse sentido, a autora compreende que a violência tem se tornado um produto que pode ser comercializado e que, mesmo pessoas que nunca chegaram a sofrer violência, a internalizam como se o tivessem, como pode ser visto no trecho:

outro lado desta mesma moeda transforma o real em espetáculo, produzido pelos meios de massa. É o que ocorre, por exemplo, com o fenômeno da violência, transformado em produto, com amplo poder de venda no mercado de informação, e em objeto de consumo, fazendo com que a realidade da violência passe a fazer parte do dia-a-dia, mesmo daqueles que nunca a confrontaram diretamente enquanto experiência de um processo vivido. (PORTO, 2010, p.193)

Nesse sentido, o que se pode observar nas pessoas que vivem nos grandes centros é o aumento do medo e da insegurança, como já visto anteriormente. A sensação de medo da população, que já é grande, acaba sendo

constantemente alimentado pelos meios de comunicação de massa, culminando em uma espécie de histeria coletiva.

A autora explica também que “a violência passa a ser consumida num movimento dinâmico em que o consumo participa também do processo de sua produção, ainda que como representação.” (2010, p.193) Nesse sentido, é um ciclo no qual, ao mesmo tempo em que o consumo da violência é feito, esse consumo é, também, parte da produção da violência. É assim que, por exemplo, ao mesmo tempo que as grandes mídias espetaculizam cada vez mais a violência, essa espetacularização participa ativamente do aumento da mesma e vice-versa. Um exemplo desse processo é um local público que por conta do medo gerado pela espetacularização da violência acaba tendo menos circulação de pessoas. Em seguida, esse mesmo local público vai se tornando mais perigoso e inseguro. O que se pode perceber nesse exemplo é a participação ativa da espetacularização na insegurança desse espaço, ou seja, ela sai do espaço de criação de uma representação, para uma prática vinda dessa representação.

Porto (2010) pontua ainda que a espetacularização da violência mediada pela mídia de comunicação de massa faz com que as relações sociais se modifiquem e que a segurança privada seja institucionalizada como solução. Pode-se pensar, por exemplo, a forma como a arquitetura nos grandes centros urbanos têm se modificado por conta da sensação de insegurança.

Essa mesma sensação transforma as cidades no que Souza (2001) chama de fobópole, ou seja, uma cidade que gira em torno do medo. Lugares onde a sensação de medo e insegurança são tão grandes que modificam completamente o funcionamento desses locais, desde a arquitetura até as relações entre os indivíduos.

Para observar essas transformações na vida em sociedade devido ao medo e insegurança, basta notar o aumento do investimento em segurança privada. Esse aumento pode ser visto no que é chamado por Pastana (2003) de arquitetura do medo e se refere a grande quantidade de aparatos de segurança, dos muros cada vez mais altos e do aumento do número de condomínios

fechados, ou seja, da transformação da arquitetura urbana por conta do medo e insegurança.

Sendo assim, se por um lado a violência é espetacularizada e, por outro, a sensação de insegurança é grande, a tendência desse movimento é que a sensação continue ficando maior. Se, portanto essa sensação fica maior, isso faz com que as pessoas busquem a segurança privada como solução, então esse cenário é altamente lucrativo para empresas que vendem aparatos que, em teoria, aumentam a segurança. Quanto maior a demanda de produtos de segurança motivados pelo medo for, mais lucrativo e compensador se torna para elas a manutenção dessa sensação institucionalizada.

Magrini (2003) diz que é através das representações e imagens de uma cidade insegura que elas passam a ser reconhecidas como tal. Para a autora, cinco grupos contribuem para a manutenção dessa imagem: a mídia; os promotores imobiliários; as empresas que oferecem serviços de segurança; os políticos e, por fim, a própria população que reproduz o que esses demais agentes reproduzem. É nesse sentido que a população, ao aderir ao discurso da insegurança, passa a consumir tudo que possa livrar ela desse mal. Para a casa, equipamentos de segurança. Para o lazer, lugares privados e fechados. Para a locomoção, carros.

Garland caracteriza como complexo do crime uma série de crenças e atitudes. A princípio, o aumento da criminalidade vai se tornando normal e altamente divulgado, tendo um forte aumento emocional no sentimento de insegurança e raiva da população. A partir disso, a sociedade passa a culpar os órgãos públicos por essa falta de segurança e acabam por investir em meios privados para resolver. Por fim, isso se torna uma representação institucionalizada na cultura popular e mídia. Novamente, outro ponto que se nota, é que esse aumento do sentimento de insegurança da população se torna vendas para determinados setores.

Bauman (2009) afirma que as indústrias ganham em cima do sentimento desse sentimento de insegurança e chamou de capital do medo esse lucro. Graham lembra que os publicitários exploram esse sentimento constantemente. Os jornais, as novelas, as revistas e todos os meios de comunicação trabalham

esse medo de diferentes formas. Seja ao anunciar todos os dias acontecimentos tendenciosos em jornais sensacionalistas, ao lembrar da importância de uma luta para autodefesa, ao vender carros blindados ou casas em condomínios fechados hiper-seguros. A insegurança é um sentimento forte e, além disso, um sentimento constantemente alimentado pela mídia e explorado para vendas.

Sendo assim, o que se pode observar é que o sentimento de insegurança é altamente lucrativo para grupos mais ricos. Em especial, a mídia, políticos e empresas ligadas a segurança (direta ou indiretamente). A mídia porque a mesma também se beneficia com a publicidade desses bens ligados a segurança. Os políticos porque isso faz com que elas foquem em problema menos importante. As empresas porque estão lucrando cada vez mais com isso. Seja vendo casas hiperseguras, carros, câmeras de vigilância ou outros.

2.1 MUROS, SEGREGAÇÃO E ISOLAMENTO

Durante o crescimento urbano, com o aumento da sensação de insegurança, as cidades se tornaram cada vez mais segregadas. No processo de urbanização muros foram construídos para tentar distanciar o perigo que é personificado no outro.

A urbanização deixou claro a existência do que Bauman (2001) chama de estranhos, ou seja, verdadeiros híbridos, monstros, não apenas não classificados, mas inclassificáveis (Bauman, 1999a, p.68). Nesse sentido, quanto mais afastado se estiver deles, melhor. O estranho é, em outras palavras, o que pode ameaçar a segurança individual, alguém do qual não sabemos o que esperar.

Não é de se estranhar, portanto, o aumento da segregação. Ainda assim as ruas da cidade continuam sendo o momento em que há o cruzamento entre as pessoas, ou seja, o local onde se pode encontrar os “estranhos”.

Podemos dizer que as fontes do perigo atingiram agora o coração da cidade. Os amigos e os inimigos – sobretudo os misteriosos e incomprensíveis estrangeiros que oscilam ameaçadoramente entre esses dois extremos – misturam-se, confundem-se nas ruas da cidade. A guerra à insegurança, aos riscos e aos perigos está em curso dentro da cidade; nela, os campos de batalha são nitidamente delimitados, e as linhas de frente são “demarcadas”. Embora assumam formas muito diversas, e seus designers se esforcem para assimilá-las ao panorama das cidades – “normalizando” o estado de emergência no qual os

moradores, viciados em segurança, vivem o dia-a-dia –, as trincheiras fortificadas e os bunkers destinados a separar e manter distantes os estrangeiros, barrando seu acesso, se transformam rapidamente num dos traços mais visíveis da cidade contemporânea.

Nesse sentido, se a sensação geral é de que a cidade representa o perigo, então quem pode pagar pelo isolamento, e conseqüentemente se manter longe do imprevisível que é a vida urbana o faz, retirando-se para o que Bauman chama de guetos voluntários, ou seja, um lugar no qual se escolhe o isolamento dos outros. A boa vontade em pagar por segurança e isolamento da elite (1999b, p29) é visível pela quantidade de condomínios, prédios e casas hiperfortificadas.

Bourdieu (1999) denominou como efeito clube a concentração socioespacial de pessoas com maior poder aquisitivo de um lado e, do outro, as de capital negativo. A ideia de contato entre os mesmos é vista como intolerável. A diferença entre esse efeito clube é que uma parte deles é a elite, que pode pagar pelo isolamento, enquanto o outro grupo não tem escolha de estar ou não ali.

Caldeira (2000) chama de "cidade dos muros" essa mudança na estrutura dos grandes centros urbanos por conta do medo. A autora estudou a cidade de São Paulo e pode notar lá essa formação socioespacial ditas por Bauman (1999) e Bordieu (1999). A autora relata que lá, as classes mais abastadas se escondem em condomínios fechados, ainda que não tenham sido vítimas diretas da violência. Nesse sentido, fica claro que, as cidades costumam se dividir em uma parte pobre, em contrapartida, a uma elite. A oposição é sempre de quem pode pagar por suposta segurança e afastamento e quem não pode.

Os grupos que não podem pagar para entrar nesses locais ficam a parte da sociedade, em locais que são excluídos e marginalizados. A população pobre é criminalizada e associada ao crime, sendo reprimida quando frequenta os espaços da elite. O ajuntamento da população pobre, o aumento dos condomínios, as câmeras de vigilâncias por toda parte são todas medidas que ilustram a divisão e segregação da sociedade.

Caldeira (2000) entende que essa divisão modifica a vida pública e são, afinal, mudanças fundamentalmente antidemocráticas, pois produzem

segregação e insegurança. Além disso, percebe que, uma vez que a violência fica associado na figura do outro periférico, cada vez mais a tendência é o afastamento do mesmo. A segregação socioespacial causa, portanto, uma repressão maior nas periferias.

Nesse sentido, se o que a população mais rica quer é segurança, e seu medo fica associado ao outro periférico, logo a relação entre esses dois grupos se tornará de medo e estigma. A lógica dos grupos mais ricos será de que quanto mais afastados estiverem da população pobre, mais seguros estarão. Se torna, portanto, um ciclo vicioso, no qual o afastamento entre esses dois será cada vez maior. Esse isolamento social tem ainda diversas consequências, como Frattari mostra:

Tem-se por fim, que o evitamento e a separação tornaram-se as principais estratégias de sobrevivência nos grandes centros. Os muros que antes cercavam as cidades e protegiam os cidadãos da ameaça exterior de invasores, agora as recortam. A principal preocupação passa a ser com a segurança individual, garantida pelas muralhas fortificadas dentro da própria cidade. Contudo, a promessa de alívio e proteção parece fadada ao fracasso, já que nessas “comunidades uniformes” o medo antes que mitigado, tende a auto-propulsão. O enclausuramento só reforça a imagem de um mundo perigoso e ameaçador além das grades, cercas e guaritas, ao passo que destrói as possibilidades de sociabilidade extramuros. (FRATTARI, 2009, p.101).

Dessa forma, esses muros dentro das cidades que destroem as possibilidades de sociabilidade entre grupos sociais diversos, também tornam as casas verdadeiras fortalezas contra o mundo. A vida em sociedade foi sendo deixada de lado em detrimento da suposta segurança. Os muros, que deveriam garantir a segurança, passam a ser sua única defesa contra o mundo do qual querem se defender. Além disso, fica claro que, enquanto grupos mais ricos se isolam conscientemente, os grupos mais pobres são marginalizados sem escolha.

VIOLÊNCIA, SEGREGAÇÃO E INSEGURANÇA EM GOIÂNIA

Com 1.093.007 habitantes (Censo/IBGE, 2000), Goiânia, apesar de jovem, a exemplo das metrópoles brasileiras, apresenta uma expansão urbana marcada por processos de auto-segregação urbana (CHF's), redes formadas por grandes equipamentos como shopping centers, hipermercados e crescentes bolsões de miséria que se localizam em seus bairros periféricos. (BERNADES, SOARES 2007)

No final de 1970, surgiu o primeiro condomínio fechado de Goiânia, o Privê Atlântico, mas só em 1990 é que recebeu o *status* de condomínio fechado pelo governo (BERNADES; SOARES 2007). Desse tempo para cá a quantidade de condomínios só aumentou. Em 2009 a quantidade já era grande, como nota Fratarri:

Atualmente Goiânia figura como a terceira capital do país em número de condomínios fechados, apresentando um total de 14 condomínios (ao todo são 10 de grande porte), se somados a outros instalados em sua região metropolitana, este número sobe para 19 condomínios. (FRATARRI, 2009, p. 45)

Esse número é reflexo do sentimento de insegurança, parte da sociedade atual. Caldeira (2000, p.211) denomina como “cidade dos muros” locais onde as classes privilegiadas se escondem atrás dos muros por conta do medo. A capital de Goiás é, claramente, uma dessas cidades. Possui muros por todos os lados, alto número de condomínios fechados, segregação evidente e outras características que se observam em grandes cidades.

Se por um lado a parte habitada por pessoas de melhor renda é sempre visível, seja na mídia ou por geralmente se localizar nas partes centrais. Por outro lado, a parte pobre deve ficar o mais longe possível, e a mídia dificilmente a retrata. Moyses (2004) observa a existência do que ele chama de “cidade legal” e “cidade ilegal”, que é a divisão entre essas duas partes da cidade: a primeira, habitada pela elite; e a ilegal, espaço à margem da sociedade. Nota ainda que a parte ilegal só aparece quando ocorrem eventos de calamidade. Nesse sentido, é interessante pensar na quantidade de crimes relacionados a essa parte da cidade que são usados como parte da espetacularização da violência e acabam por estigmatizar essa parte da cidade.

O espaço urbano de Goiânia e de alguns municípios de sua região metropolitana evidencia a existência de uma cidade fracionada e fragmentada. Assim, podemos dizer que, de um lado, existe a cidade legal e, de outro, a cidade ilegal ou não-cidade. Ambas expressam a cidade concreta, real, flexível, que se metamorfoseia por obra e vontade dos homens. Legal é a cidade dos loteamentos e das edificações regulares, aprovados segundo a legislação vigente. Essa pode projetar a cidade para fora como “cartão postal”. Ilegal, a construída à margem da lei, das instituições, por razões econômicas e sociais dos excluídos ou incluídos. Essa cidade ilegal só aparece publicamente quando ocorrem calamidades públicas, como enchentes, epidemias, ou através de reivindicações por melhores condições de vida, o que possibilita a visibilidade de suas entranhas e da deterioração de seus espaços e as condições precárias em que seus moradores vivem. Ambas existem, “convivem” e desconfiam uma da outra. No entanto, entre elas há “muitos muros”. (p.195/196)

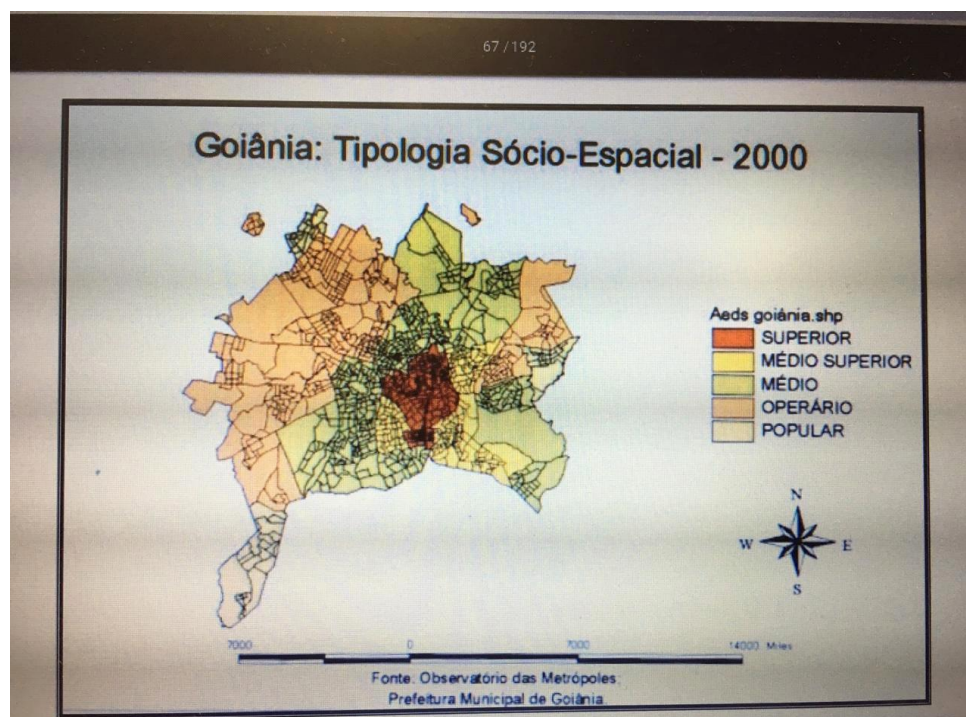
Nesse aspecto, a vida urbana em Goiânia tem se tornado cada vez mais assustadora para a maioria da população. Souza (2011, p.9) confirma essa sensação generalizada e observa que a vida na cidade se tornou desconfortável, já que as pessoas andam pela cidade preocupadas com sua segurança e, logo que possível, voltam para os seus lares. Sendo assim, a ideia da vida em sociedade fica cada vez mais difícil, já que no anseio de ficarem seguras a convivência é colocada de lado

Souza e Rabelo notam que, seja provocado por causas reais ou não, esse sentimento causou uma modificação no espaço urbano e nas relações sociais na capital de Goiás. A ausência de contato entre grupos diferentes modifica a forma como esses se relacionam, causando exclusão e segregação. Além disso, na medida em que apetrechos de segurança (câmeras, muros, grades) são eleitos como solução para a violência, a arquitetura urbana se modifica, tornando as casas em verdadeiros fortes. Perceberam também que “ficou manifesta a tendência de atribuir a violência a outro imaginário, estereotipado como estranho, suspeito, perigoso, os mais pobres, os habitantes da periferia.” (2011, p6).

Fratarri concorda que há a modificação das relações sociais. Pontua que esse entendimento do outro como ameaçador pode levar ‘a evitação e ódio social’. Uma vez que há uma modificação na forma com que as cidades se dividem e também nas relações sociais, isolando cada vez mais os indivíduos, o outro passa a ser cada vez mais evitado, estigmatizado e criminalizado.

Em pesquisa feita por Fratarri em 2009, moradores de Goiânia foram questionados sobre concordar ou não com a frase “Ninguém está seguro em lugar nenhum!”, as respostas foram massivamente positivas em todas as classes sociais. Os pesquisados com ensino superior concordaram 78,8%. Os de nível médio superior e médio tiveram, respectivamente, 80,5% e 83,7% de respostas concordando com afirmação. Os níveis operários e popular obtiveram os maiores números de respostas positivas, sendo 86,8% e 83,8%, respectivamente.

Para melhor compreensão desses dados, apresento o seguinte mapa da tipologia socioespacial de Goiânia feito pela prefeitura nos anos 2000 e citado por Fratarri:



(OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES *apud* FRATTARI, 2009)

A divisão por ocupações é diretamente ligada a renda média mensal. Sendo assim, fica claro a segregação socioespacial dos grupos com menor renda. Fratarri (2009) explica que “quanto mais elevado na estrutura socioespacial se encontrar o tipo, melhores as condições das pessoas segundo sua condição sócio ocupacional, em relação aos outros tipos socioespaciais.” Nesse sentido, o nível superior é o, mas alto e, portanto, com melhores condições; o nível popular é o mais baixo e, portanto, com piores condições.

Sendo assim, o levantamento da pesquisa mostra que no nível superior à renda mensal é maior (53% deste grupo recebe mais de 10 salários mínimos) e vai diminuindo até chegar no popular, que tem a menor renda (até dois salários mínimos). A quantidade de pessoas com acesso ao serviço público (água, esgoto, energia) é bem mais alta no nível superior. Além disso, há ainda a taxa de analfabetismo, 0,9% no superior, mas chega a 7,7% no grupo operário.

Ainda nessa pesquisa, o levantamento de pessoas que se sentem inseguras andando só em seus bairros à noite é de 36.2%, 46.8%, 36.5%, 43.0% e 53.3% respectivamente nos grupos superior, médio-superior, médio, operário e popular.

Os mapas de tipologia socioespacial com dados da prefeitura disponíveis mostram a clara segregação socioespacial da cidade, já que as pessoas se juntam com os de mesma renda, ficando isolados das demais classes sociais. Ou seja, como pode se observar nos dados da pesquisa da autora, a insegurança é parte da sociedade, não sendo diferente em Goiânia. É notável que a percepção da violência é grande em todas as classes sociais, principalmente nas mais pobres. Além disso, mesmo os mais abastados, que podem pagar pela segurança privada, têm a sensação de insegurança em um número altíssimo. Sendo assim, o medo é, de fato, um sentimento institucionalizado por todas as classes e pessoas. É necessário pensar, nesse sentido, se as medidas tomadas pelas rotinas de segurança pagam são, de fato, a solução para a sensação de insegurança.

CAPÍTULO 02

ESPAÇOS PÚBLICOS, LAZER PRIVADO E MÍDIA

Um espaço é “público” à medida que permite o acesso de homens e mulheres sem que precisem ser previamente selecionados. Nenhum passe é exigido, e não se registram entradas e saídas. Por isso, a presença num espaço público é anônima, e os que nele se encontram são estranhos uns aos outros, assim como são desconhecidos para os empregados da manutenção. Os espaços públicos são os lugares nos quais os estrangeiros se encontram. De certa forma eles condensam – e, por assim dizer, encerram – traços distintivos da vida urbana. É nos locais públicos que a vida urbana e tudo aquilo que a distingue das outras formas de convivência humana atingem sua mais completa expressão, com alegrias, dores, esperanças e pressentimentos que lhe são característicos.

Para o autor o espaço público é, portanto, o local onde todos os diferentes grupos de pessoas podem frequentar, independente da classe social e demais aspectos que os diferenciam. É, então, o espaço ideal para que esses grupos convivam, se conheçam, troquem experiências e memórias. Considerando que isso aconteça, a imagem que um grupo tem do outro pode ser mais próxima da realidade, já que seria criada através do contato entre eles.

O autor nota ainda que esses espaços são os locais que condensam, ou seja, que melhor exprimem, os traços da vida em sociedade, ou seja, "as alegrias, dores, esperanças e pressentimentos (...)". Dessa forma, um espaço com tamanha possibilidade de vivências em sociedade deveria ser priorizado e massificado como local potencial para o lazer e convivência.

Atualmente, um dos locais mais frequentados para o lazer são os shopping centers. Mas, mesmo que pareçam, como nota Martins (2009), eles não se enquadram em espaços públicos, embora tenham uma função de

sociabilidade parecida, mas tem a diferença de que são espaços que podem ser fechados durante um período, por exemplo. Martins destaca também que “embora sejam espaços coletivos de grande alcance e frequência, eles criam um espaço diferenciado do tecido urbano, fechados à vida da rua e sob constante vigilância e controle”. Além disso, há também a localização desses locais, que geralmente são em bairros mais abastados e com maior dificuldade de acesso para as classes mais pobres.

As escolas e os hospitais públicos, por exemplo, também não se encaixam na definição de espaço público, pois não são acessíveis por qualquer um a qualquer momento, mas são locais do poder público. Nesse sentido, embora se pareçam bastante com os espaços públicos, não o são.

Portanto, os espaços públicos aqui tratados são os locais que tem todas suas características como públicas e, por isso, devem ser de acesso irrestrito a todos em todos os momentos, como praças, ruas, parques, largos e outros. Borja (2003, p.30, *apud* Martins, 2009) têm preocupações em relação a esses espaços:

(...) vê três processos negativos atingindo as cidades atuais: dissolução, fragmentação e privatização. Estes três processos contribuem para o quase desaparecimento do espaço público como espaço de cidadania. Ele assinala esta questão como preocupante, já que o espaço público é um dos responsáveis por definir a qualidade da cidade, indicando a qualidade de vida das pessoas e o desenvolvimento da cidadania de seus habitantes, além de ser neles onde se realiza a síntese dos lugares e fluxos de uma cidade, formando lugares de coesão social. (BORJA, 2003, p.30, *apud* MARTINS, 2009).

É, portanto, visível a preocupação do autor com a diminuição e desaparecimento desses espaços. Esses locais, justamente por conta da sensação de medo e insegurança vistos anteriormente, passam a ser vistos como locais que estão propensos a violência, já que não há segurança privada por trás.

Se são vistos como locais inseguros e, portanto, não são frequentados, esses locais passam a serem, de fato, menos seguros. Uma vez que são abandonados, tanto pelo poder público como pela população, a privatização passa a ser uma opção. Martins se preocupa com a privatização desses espaços. Locais que poderiam ser espaços de lazer público, como parques,

cachoeiras e outros espaços são privatizados. Além disso, o lazer privado tem se tornado cada vez maior, como pode ser notado pelo aumento das boates, casas de show, shoppings, clubes e outros.

O terceiro processo negativo citado pelo autor é o de fragmentação, que depende dos outros dois para acontecer, e ela causa o não-relacionamento dos diferentes grupos justamente por não ter acesso aos esses locais. É nesse sentido que, como notou Fratarri (2009), o enclausuramento destrói as possibilidades de sociabilidade fora dos muros. Uma vez que as pessoas estão fechadas em suas casas ou locais de lazer privado, a sociabilidade com grupos diversos se torna cada vez mais difícil. A negatividade dessas relações fica clara no trecho:

Atualmente, nem todo espaço público é capaz de congrega cidadãos e contribuir efetivamente para o fortalecimento da cidadania. Uma das características dos espaços públicos é a de evidenciar os problemas de injustiça social, econômica e política, portanto, a fragilidade destes espaços seriam potencializadores negativos das diferenças (BORJA, 2003:61), não contribuindo para o enriquecimento das relações sociais. (BORJA, 2003, 61 apud, 2009, p.47).

Sendo assim, a diminuição desses espaços afeta diretamente as possibilidades de sociabilidade, integração de pessoas e fortalecimento da participação delas nas políticas públicas. Como mostrado no trecho, o autor afirma que os espaços públicos podem evidenciar problemas relacionados a política, economia, cultura e sociedade em geral. Seria, portanto, um espaço capaz de aumentar a participação das pessoas e torná-las, de fato, em cidadãos.

Martins (2009) chama de espaço cidadão “um espaço livre público que atende a tais condições e com determinadas características que o tornam um espaço de interação, de trocas, de pertencimento, de reconhecimento e de manifestação”. Seria, portanto, um local que pode ser explorado em sua completude, no qual a troca e convivência entre os diversos grupos aconteçam. Essa convivência traz aumento da qualidade de vida e da coesão social, além de trazer a tona problemas políticos de diversas naturezas. É, portanto, nesses espaços que o debate sobre a vida em sociedade pode ser feito de melhor forma, já que nele se encontram os mais diversos grupos.

Magrini afirma que a mídia assume um papel privilegiado na produção e disseminação das representações de cidades inseguras. Esses discursos por eles veiculados são reconhecidos como verdade e tem alto convencimento da opinião pública. Dessa forma, se a mídia coloca a segurança como um problema público e naturaliza situações de violência, então grande parte da população interioriza isso e passa a agir como se a qualquer momento pudesse ser vitimizada. A autora entende que a mídia, ao mesmo tempo que propaga a ineficácia do estado, estimula as soluções privadas via mercado.

Nesse sentido, os espaços públicos são diretamente afetados por essa representação criada pela mídia. Em especial, os espaços de lazer público. Em primeiro lugar, porque são organizados pelo estado, uma entidade que é propagada como ineficaz. Em segundo, não há relação do privado com esses espaços, ou seja, não tem segurança privada, que é a solução institucionalizada. Ainda, são espaços que há a circulação dos mais diversos grupos, inclusive os que são retratados como potencialmente violentos e marginalizados pela grande mídia. Nesse sentido, Martins faz algumas observações:

A crescente insegurança percebida pela população das cidades, principalmente no Brasil, tende a afastar as pessoas das ruas. Tal fato pode ser a expressão da crescente desigualdade social, mas também pode ser entendido como descaso do poder público e como carência (quando não, ausência) de políticas públicas voltadas a minimizar esta questão. Quando se trata de segurança no espaço público, sabe-se que, embora não seja determinante, o número de transeuntes, a diversidade de usuários e de atividades desenvolvidas nas suas proximidades, as condições da sua conservação, a presença de iluminação, bem como a sua forma física, também podem contribuir para ampliar a sensação de segurança de um local. (MARTINS, p. 41, 2009).

Martins nota a importância, embora não somente, da quantidade de pessoas que frequentam o local para sua segurança. Nesse sentido, se por um lado a mídia, que conforme dito por Magrini (2003) tem alto poder de convencimento, consegue afastar as pessoas desse espaço. Por outro, a quantidade de pessoas que frequentam ajuda na segurança, então essa é uma das muitas formas que as representações sociais afetam a realidade e passam a moldá-la.

A forma com que as pessoas se relacionam com esse locais públicos e é baseada no medo. Sendo assim, quando saem para espaços como as ruas, a única vontade é retornar para casa logo. O sentimento de insegurança que os domina durante todo o trajeto por esses espaços torna ainda menos provável que a convivência entre pessoas aconteça, pois o outro é condensado na figura do medo. Martins (2009) nota a importância do espaço público ser um local onde predomina a diversidade e diferentes grupos.

A capacidade de um espaço público estimular o exercício de participação na vida pública se dá, também, pela possibilidade da co-habitação e do encontro. Como já foi dito anteriormente, a relevância de espaços públicos dentro de uma cidade está relacionada, em grande parte, ao fato de permitir o convívio dos diferentes, o contato visual e físico, a tomada de consciência da heterogeneidade e da diversidade. (MARTINS, p40, 2009)

É, portanto, nesses espaços, que essa imagem criada pode ser derrubada, já que são locais que estimulam a convivência e relacionamento. Bauman aponta que a alternativa a insegurança não é a tranquilidade, mas o tédio. Nesse sentido, ainda nota que os planejadores urbanos têm se tornado cada vez mais audaciosos em seus projetos para tentar driblar esse tédio. Fica claro com o aumento cada vez maior em investimentos de lazer privado dentro e fora dos condomínios, como clubes, parques, shoppings e muito mais.

Como já dito anteriormente, tem aumentado o número de lugares de lazer privado e, do mesmo modo que condomínios fechados, são locais onde se paga por segurança e isolamento. O problema é que, nessa lógica, os ambientes de lazer público vão sendo deixados de lado, tem menor investimento e, consequentemente, a insegurança desses poucos espaços vai aumentando. Além disso, torna o contato entre o grupo inviável, já que quem pode pagar pelo lazer privado. Logo, se essas pessoas que podem pagar estão sempre distantes dos grupos, a única imagem que tem deles é a que vem pela mídia, já que o contato real é praticamente nulo.

Nesse sentido, o que se percebe é que há um investimento emocional na sensação de medo e insegurança das pessoas e, em um segundo momento, elas passam a temer os espaços públicos, se voltando para o lazer privado.

O que se observa na mídia é que há pouco destaque para os espaços de lazer público e, quando há um destaque maior, geralmente se refere a calamidades que acontecem nesses espaços. O medo desses locais vai se tornando institucionalizado e esses espaços passam a ser cada vez mais desocupados. É necessário, portanto, repensar a participação da mídia no debate sobre segurança pública. Além disso, é importante ressaltar a característica desses espaços de trazer o que há de mais característico e rico da vida em sociedade.

UM ESPAÇO DE LAZER PÚBLICO EM GOIÂNIA: O CHORINHO

O Grande Hotel Vive o Choro, mais conhecido como Chorinho, é um evento cultural que acontece no centro de Goiânia, começou em 2013. Entre idas e vindas, mudou de local algumas vezes, parou por algum tempo, mas sempre volta. Já chegou a levar 3.000 pessoas para o centro da cidade, mostrando que é um espaço viável para levar arte, diversão e cultura de forma acessível. Atualmente faz parte do projeto Grande hotel vive o choro e acontece no Grande Hotel – Av. Goiás, esquina com a Rua 3.

Na contramão da maior parte da programação cultural da cidade que acontece em locais mais afastados, pagos (marista, setor sul) e geralmente em bares ou boates, o chorinho se propõe como um evento gratuito, no centro e aberto para todos. Conta com investimento público para se manter e leva, todas as sextas, três artistas goianos. Artistas como Carne doce, Grace Carvalho, Grupo dengo, Patocan são exemplos de bandas/cantores que já se apresentaram no local.

O evento já conta com um público fiel e, quando leva bandas maiores, chega a levar 3.000 pessoas para a rua. Ainda assim, mesmo sendo desse porte e constância, há pouco espaço para o mesmo na mídia goiana.

É um evento que é patrocinado pela Secretaria de Cultura da Prefeitura de Goiânia e acontece na rua. Sendo assim, se encaixa nas características anteriormente descritas de espaço público.

CAPÍTULO 03

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A Teoria das representações sociais é proposta por Moscovici. Ele define as mesmas como um conjunto de saberes, ideias e práticas que estabelecem uma ordem social e tornam a comunicação possível. Nesse sentido, essa é uma das grandes diferenças das representações coletivas, as representações sociais têm como principal meio de circulação a comunicação.

Elas entram para o mundo comum e cotidiano em que nós habitamos e discutimos com nossos amigos e colegas e circulam na mídia que lemos e olhamos, em síntese, as representações sustentadas pelas influências sociais da comunicação. Constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros.

Se, portanto, elas participam ativamente do processo de construção da ligação entre as pessoas, então elas podem modificar a vida em sociedade e estão em muitos dos nossos atos cotidianos e, como dito por Moscovici, "são entidades quase tangíveis, se entrecruzam e se cristalizam continuamente através duma palavra, gesto, ou duma reunião".

O que se percebe, portanto, é que as representações sociais participam do processo de construção simbólica de algo no imaginário, mas que é possível perceber o modo como ela circula na sociedade pelas práticas sociais. Nesse sentido, é interessante pensar em como as representações sociais agem. Para Moscovici, os pontos centrais da forma como elas se constituem são a ancoragem e a objetificação.

A ancoragem é o que torna as figuras e/ou coisas associadas a algo comum a todos. É nesse contexto que assimilamos algo e associamos a uma das características, seja ela boa ou ruim. É o que torna as coisas comuns e familiares. Jodelet (2001) considera que ancorar é, justamente, transformar algo não-familiar em familiar. Nesse sentido, se, por exemplo, determinado país seja constantemente veiculado na mídia como ruim e pobre, mesmo que as pessoas não o conheçam realmente, elas criam uma imagem desse país que o associa a esses conceitos. Ou seja, algo não-familiar se torna familiar, tendo inclusive características associadas a ele.

Nós selecionamos uma característica aleatoriamente e a usamos como uma categoria: judeu, doente mental, novela, nação agressiva etc. A característica se torna, como se realmente fosse, coextensiva a todos os membros desta categoria. Quando é positiva, nós registramos nossa aceitação; quando é negativa, nossa rejeição. (MOSCOVICI, 2012, P.64)

O segundo processo é a objetificação, que é a reprodução desse conceito que foi assimilado, dando a ele sentido concreto. como dita por Moscovici, “a prática específica” que a mesma produz. É a partir desse momento que, a ancoragem previamente feita vai se tornar atos e produzir efeitos práticos nas atitudes. Em seguida desse momento vem a total assimilação. É assim que, por exemplo, os preconceitos são colocados em prática na sociedade. Apesar disso, não só coisas negativas advêm das representações sociais, como observa Moscovici (2012), dependendo da nossa aceitação, a prática específica pode ser de rejeição ou aceitação.

As duas etapas são explicadas por Castro (2017) como:

Ancoragem e objetivação são maneiras de lidar com a memória e com a linguagem. A primeira mantém a memória em movimento, classificando objetos, pessoas e ideias, de acordo com um tipo e os rotula com um nome. A segunda tira da memória esses conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior. (p. 73).

Nesse sentido, fica claro que, enquanto a ancoragem trabalha para criar e classificar conceitos e ideias, a objetificação coloca esses conceitos em prática, modificando a forma como as relações se dão.

Representações sociais e a mídia

As representações sociais são construídas a partir da comunicação, como visto anteriormente. Nesse sentido, se a grande mídia atinge um grande público e, portanto, estabelece comunicação com o mesmo, então ela participa ativamente da construção das representações que esses indivíduos têm. Porto (2009) acredita que os meios de comunicação de massa são, inclusive, um dos maiores influenciadores das representações sociais. A autora compara o funcionamento da grande mídia a um tribunal de júri, constantemente acusando ou absolvendo alguém.

Guareschi (2000) observa que, se por um lado a mídia constrói as representações e as mesmas constroem a realidade, então quem detém esses meios de comunicação detém o poder. Isso acontece porque, nesse sentido, eles podem modificar a realidade modificando essas representações. Justamente como porto pontua quando faz a comparação a um tribunal, a mídia pode construir representações boas ou ruins, certas ou erradas, mas sempre absolvendo ou culpando alguém ou algo.

A mídia é, portanto, um poder simbólico. Os donos dos grandes meios de comunicação detêm um poder invisível, o de moldar a realidade. Bourdieu conceitua poder simbólico como:

[...] violência suave, insensível, invisível as suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento [...] (BOURDIEU, 2002, p.7).

Nesse sentido, para o autor, esses meios são utilizados para manutenção da dominação de uma classe sobre outras. Sendo assim, os meios de comunicação são ainda mais forte por se tratar de um poder invisível, que não exige força bruta ou meios claros de dominação, mas não são menos eficientes nesse processo. Nota ainda que a produção do conteúdo possui também uma espécie de censura invisível. Isso acontece porque a) as pessoas que consomem não fazem parte da produção do conteúdo e b) a escolha de

determinados conteúdos em detrimento de outros é um meio de invisibilizar discursos. É, nesse sentido que há o afastamento do cidadão para questões que realmente importam, como nota Castro (2017):

Ao insistir em publicar notícias “vazias”, com nada ou quase nada que realmente tenha interesse público, os meios de comunicação afastam as informações pertinentes que o cidadão deveria possuir para exercer seus direitos. (CASTRO, 2017, p. 83).

Dessa forma, a mídia, pratica constantemente atos de violência simbólica. Porto (2010) utiliza alguns exemplos vistos como verdade na sociedade, que não tem respaldo científico, mas que foram naturalizados pela grande mídia como verdadeiros, como a instituição familiar está em crise e que a religião a importância como mecanismo de controle social. É notável, portanto, a força desse poder simbólico, que consegue institucionalizar ideias sem respaldo algum.

Portanto, a partir da noção de representações sociais, e entendendo que a mídia é parte ativa e importante no processo de construção do pensamento compartilhado, a análise das edições do jornal Daqui será feita. Nesse sentido, o que se busca é compreender a participação desse meio de comunicação na construção das representações sociais acerca do evento e, a partir disso, entender quais as consequências das mesmas no espaço.

CAPÍTULO 04

METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa utilizada será, a partir das representações sociais de Moscovici, analisar as edições do jornal daqui no período de janeiro a dezembro de 2018 que saíram sobre o evento. Nesse sentido, entendendo a mídia como uma das principais criadoras dessas representações no imaginário (PORTO, 2002), escolhi o segundo jornal de maior veiculação do estado para entender quais as representações criadas sobre o evento.

A partir do levantamento dessas matérias, elas serão comparadas com a parte teórica dos espaços públicos e violência urbana, buscando compreender qual a participação do Jornal Daqui na valorização ou no desmonte desses espaços. Além disso, levantar a quantidade de matérias que saíram nesse espaço de tempo ajuda a compreender a visibilidade desses espaços.

As fontes e o tratamento dos dados

O objetivo dessa análise é compreender como o Chorinho é representado pelo jornal O Popular. Para tanto, foram analisados as postagens digitais entre janeiro de 2018 e janeiro de 2019. Foram apanhadas todas as matérias que fazem menção ao evento nesse período, mesmo que não seja o principal foco.

Durante o período analisado, o de um ano, o evento aconteceu cinquenta e duas vezes. Mesmo com essa quantidade e contando com um público médio de 2000 pessoas (FONTE ENTREVISTA), o evento foi citado apenas treze vezes.

Dentro dessas menções, 5 delas foram na Magazine, uma citação em entrevistas durante as eleições, duas matérias sobre acontecimento violento, duas de divulgação das atrações e uma entrevista com Carlos Brandão (o idealizador) sobre o Chorinho. Essa quantidade de matéria é um número considerado baixo para um evento de porte médio que acontece semanalmente na cidade.

Analisando as vezes em que o evento apareceu nesse período, consegui identificar três tipos de aparição no jornal: divulgação, acontecimento violentos e citações indiretas. Dessa forma, para facilitar a análise e entendimento, dividi em três tópicos para me debruçar sobre cada um desses tipos.

matérias de divulgação direcionadas

Nesse tópico estarão as matérias de divulgação com foco no Chorinho, ou seja, que tem como protagonista o evento. São duas matérias, que utilizam os cantores da semana para chamar a atenção, como pode ser visto em uma delas, logo abaixo:

The screenshot shows a newspaper article from 'O Popular' dated 01/11/2018. The headline is 'Diego Mascate, Patocan e Grupo Dengo no Chorinho do Grande Hotel'. The article describes a musical project called 'Grande Hotel Vive o Choro' featuring Diego Mascate, Patocan, and Grupo Dengo. It mentions a tribute to Luiz Porto and Zeca Baleiro. To the right of the article is a large advertisement for a Jeep Renegade, highlighting its price at R\$79.990,00 and its status as 'O MELHOR PREÇO DO ANO, SÓ NA TECAR!'. Below the article, there is a 'Continue lendo' section with a list of related articles, including 'Banda Tripop agita bar em Goiânia' and 'Cantor Tutti é a atração desta quarta-feira'. At the bottom, there are social media links and a 'classi' advertisement.

A matéria acima traz maior visibilidade para as bandas que irão participar, do que para o evento em si. Nessa matéria falta algumas informações importantes, como falar o que é o evento, qual a constância. Nesse sentido, caso um leitor que não conheça o Chorinho leia essa matéria, pode acabar achando que é um show pontual que acontece, sem saber maiores detalhes sobre o evento. Dessa forma, ainda que seja de divulgação, falta informações importantes.

A segunda matéria também dá maior destaque para as atrações do que para o evento em si. Mesmo assim, há uma diferença entre ela e a primeira, ela já traz informações mais pontuais sobre o evento, lembra que está comemorando um mês de sua volta, que acontece semanalmente e mais.

A última é uma entrevista com Carlos Brandão, fundador do Chorinho, e levanta pontos interessantes de discussão: espaço público, segurança, ocupação. Essa é uma matéria que, a partir da conversa com o idealizador, consegue ir mais a fundo sobre o evento, entender qual o objetivo, o que traz de bom e vários outros pontos importantes sobre o Grande Hotel Vive o choro.

Dessa forma, o que se percebe nessas matérias é que uma delas traz poucas informações. As outras duas são melhores, embora uma dê mais foco nas atrações do que no evento, mas são poucas quando se pensa no tamanho do evento - o evento leva até 2000 pessoas para as ruas - e quantidade de vezes - acontece toda sexta, então no período analisado foram cerca de 50 edições do evento - que aconteceu no período analisado. Do total de 13 matérias que saíram no período de um ano, as de divulgação voltadas para o Chorinho correspondem a 23,8% do total.

Matérias sem foco no evento

Outro tipo de matéria que se refere ao Chorinho é quando o mesmo é citado de forma indireta. Nessa matérias, embora o foco seja algum outro assunto, o Chorinho aparece de alguma forma. São matérias que chamam pouca atenção para o evento, até por não ser o foco delas, e atraem pouco.

A maioria das vezes em que o evento aparece no jornal O popular nesse período foi nesse tipo de matéria, no caderno Magazine, totalizando cinco

Na outra é citado em meio a situação do Grande Hotel (prédio que sedia o chorinho e ponto cultural da cidade). Da mesma forma que a citação anterior, o chorinho é coadjuvante na notícia e é citado sem grandes discussões. Mais uma vez, assim como nas citações no caderno Magazine, não há preocupação em dar maior visibilidade ou discutir quaisquer pautas relacionadas ao evento, até por não ser o foco dessas matérias.

62 99995 2795

CLIQUE O POPULAR

ADUFG-SINDICAT

ANUNCIE AQUI

ASSINE JÁ R\$ 7,90

CAPA POLÍTICA ECONOMIA MUNDO CIDADES ESPORTE MAGAZINE LUDOVICA OPINIÃO ESPECIAIS VÍDEOS INFORMACIAIS GUIAS

CIDADES

Prédio do Grande Hotel, no Centro de Goiânia, deve ser requalificado

Secretaria Municipal de Cultura anuncia reestruturação do imóvel. Propriedade do edifício, hoje do INSS, deve passar para Prefeitura de Goiânia para quitação de dívidas

29/11/2018 - 23:00

arol Almeida
arol.almeida@oi.com.br

WhatsApp Facebook Twitter LinkedIn

Prédio histórico localizado no encontro da Avenida Goiás com a Rua 3, no Centro da capital, o Grande Hotel poderá ser utilizado como forma de pagamento de uma dívida do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), que detém a propriedade do imóvel atualmente, com o Instituto de Previdência dos Servidores Municipais de Goiânia (IPSM). A transação visa quitar débitos decorrentes de compensação previdenciária. Responsável pela gestão do espaço, a Secretaria Municipal de Cultura (Secult) de Goiânia informou, por meio da assessoria de comunicação, que, com o repasse do imóvel para a Prefeitura, haverá uma "requalificação do Centro Cultural Grande Hotel", existente no espaço, a fim de "contribuir para a revitalização do Centro da capital".

A ação de transferência autorizada por projeto de lei de autoria do Poder Executivo, assinado pelo prefeito de Goiânia, Iris Rezende (MDB), em 16 de agosto do ano passado, e aprovado pela Câmara Municipal de Goiânia na última quarta-feira. Compensações do tipo estão dispostas na Lei Federal nº 9.796, de 5 de maio de 1999.

A partir de agora, de acordo com o IPSM, a cessão do imóvel "dependerá dos trâmites legais". A partir destes, o órgão "avaliará os melhores caminhos para que o imóvel se converta em recursos positivos aos servidores públicos inativos", segundo nota encaminhada pelo Instituto.

O projeto de lei possibilita que a quitação seja de até R\$ 7 milhões de débito. Pelo mesmo valor, o IPSM está autorizado a vender o Grande Hotel, posteriormente, para o Município, que utilizá-lo para finalidades socioculturais.

Os valores a serem compensados dizem respeito a aposentadorias concedidas pela administração do Município entre 5 de outubro de 1988 e 5 de maio de 1999. O total dos débitos não foi informado. A reportagem tentou contato com o INSS, mas, até o fechamento desta edição, não teve sucesso.

Continue lendo

- 1 Prédio do Grande Hotel, no Centro de Goiânia, deve ser requalificado
- 2 28ª Goiânia Art Deco Festival
- 3 Com palestras, exposições e música, 28ª Goiânia Art Deco Festival debate...
- 4 Um passeio por 209 anos de história em Campinas, em Goiânia
- 5 Após chuvas, semáforos apresentam falhas em Goiânia

Mais lidas

Construção é símbolo art déco

Inaugurado em janeiro de 1937, quase quatro anos após a fundação de Goiânia, o Grande Hotel foi o primeiro imóvel do tipo na cidade. O local foi construído sob influência do movimento art déco e sediou balles e reuniões de negócios no início da vida da cidade e serviu como hospedagem para políticos e figuras importantes que visitavam a nova capital do Estado de Goiás. Em 1991, houve o tombamento do edifício como Patrimônio Histórico de Goiás, como bem integrante do patrimônio art déco no Estado.

Atualmente, o Grande Hotel não está em pleno funcionamento e tem parte das salas ocupadas por funcionários do INSS. Além disso, conta com atividades pontuais, como as oficinas realizadas pelo centro cultural que leva o nome do imóvel. As sextas-feiras, sua parte externa recebe o projeto Grande Hotel Revive o Choro, o "Chorinho".

Prédio do Grande Hotel, no Centro, foi inaugurado em 1937 e carrega traços do estilo arquitetônico art déco (Foto: André Costa)

Navegue pelo assunto:

Cidades Grande Hotel Quitação de débitos reestruturação Inss art déco

Leia também:

Continue lendo

- 1 Prédio do Grande Hotel, no Centro de Goiânia, deve ser requalificado
- 2 28ª Goiânia Art Deco Festival
- 3 Com palestras, exposições e música, 28ª Goiânia Art Deco Festival debate...

Mais lidas

Nesse sentido, é necessário analisar quantas vezes o evento aparece de forma tão pouco visível nas mídias digitais do O popular. O total de matérias nas quais o Chorinho é citado nesse período é de 13, 7 delas estão nessa categoria, ou seja, 53,7% das vezes em que o evento aparece no jornal é em uma divulgação de pouca visibilidade ou citações em meio a outros assuntos, sem foco direto no evento em nenhum dos dois casos.

Matérias dos acontecimentos violentos

O terceiro tipo de matéria no qual o evento sai nas mídias digitais são matérias com relação direta com o evento, mas ligadas a acontecimentos violentos no local. Durante o período analisado, foram duas matérias sobre o tema, sendo as duas do mesmo acontecimento, como é possível observar na imagem abaixo.

The screenshot shows a news article from the website 'O Popular'. The headline is 'Jovem é assassinado durante o Chorinho, no Centro de Goiânia'. Below the headline is a sub-headline: 'Relatos de testemunhas indicam que o crime pode ter sido uma execução'. The article is dated '26/10/2018 - 22:20'. There is a large photo of a crime scene at night with police tape and officers. To the right of the article is a sidebar with a list of 'Mais lidas' (Most Read) articles, which includes the same headline as the main article. At the bottom of the article, there is a navigation bar with tags: 'Cidades', 'Chorinho', 'Centro', 'Goiânia', and 'Assassinato'.

Jovem é assassinado durante o Chorinho, no Centro de Goiânia
Relatos de testemunhas indicam que o crime pode ter sido uma execução

26/10/2018 - 22:20

Um jovem foi assassinado na noite desta sexta-feira (26) durante sessão do Chorinho, evento de música realizado em frente ao Grande Hotel, na Avenida Goiás, no Centro de Goiânia. Relatos de testemunhas indicam que o crime por ter sido uma execução.

Segundo pessoas que estavam no local, por volta das 21h um homem chegou com um revólver de calibre 38 e sem dizer qualquer palavra efetuou três disparos contra a vítima. Um dos tiros acertou a cabeça do rapaz. O Corpo de Bombeiros chegou a ser acionado, mas constatou o óbito da vítima no local.

O rapaz alvejado não portava documentos e ainda não foi identificado, mas teria por volta de 16 anos. O autor do crime também não foi identificado até o momento. A sessão do Chorinho que estava sendo realizada foi cancelada.

Organizador do evento, o produtor cultural Carlos Brandão disse que o ataque foi repentino. "O homem chegou, apontou para a cabeça do garoto e disparou", relatou. de acordo com ele, viaturas da Polícia Militar passam com frequência pelo local, mas ainda assim o Chorinho costuma ser alvo de pessoas "que vão só para praticar violência".

Esse não foi o primeiro homicídio cometido no Chorinho neste ano. Em 16 de fevereiro, Roberto Rodrigues da Fonseca Nardi, de 39 anos, também morreu ao ser baleado durante o evento.

Navegue pelo assunto:

Cidades Chorinho Centro Goiânia Assassinato



Redação O POPULAR



CIDADES

Jovem assassinado no Chorinho tinha passagens pela polícia e estava solto há uma semana

Ítalo Perdigão, de 19 anos, contava, em sua ficha policial, com crimes como tráfico de drogas, porte ilegal de arma de fogo e roubo

27/10/2018 - 12:44



Chorinho, na avenida Goiás: dois homicídios em 2018 (Foto: Foto do leitor)

O jovem Ítalo Perdigão Grabowski, de 19 anos, morto com um tiro na cabeça, na noite da última sexta-feira (26), durante o Chorinho, evento realizado na avenida Goiás, no Centro de Goiânia, tinha passagens pela polícia e estava solto há uma semana. As informações são da Polícia Militar do Estado de Goiás (PM-GO).

Segundo a corporação, o rapaz tinha em sua ficha policial crimes como tráfico de drogas, porte ilegal de arma de fogo e roubo.

O autor adentrou o espaço, que geralmente recebe cerca de mil pessoas, em uma moto e efetuou quatro disparos contra Ítalo. Atingido, o jovem não resistiu aos ferimentos e morreu no local.

INSEGURANÇA

A Delegacia Estadual de Investigações de Homicídios (DIH) será responsável pela apuração do caso, que não é o primeiro a ocorrer neste ano no Chorinho. Em 16 de fevereiro, Roberto Rodrigues da Fonseca Nardi, de 39 anos, também morreu ao ser baleado durante o evento.

Ao POPULAR, o organizador do evento, o produtor cultural Carlos Brandão, afirmou que o ataque foi repentino. "O homem chegou, apontou para a cabeça do garoto e disparou", relatou.

Ainda de acordo com Brandão, viaturas da PM-GO e da Guarda Civil Metropolitana passam com frequência pelo local, mas ainda assim o espaço costuma ser alvo de pessoas "que vão só para praticar violência".

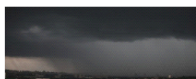
Navegue pelo assunto:

Cidades Chorinho Avenida Goiás Ítalo Perdigão PM-GO DIH Violência

Leia também:



CIDADES
'Desvios' dos desvios atingem oito vias de Goiânia



CIDADES
Inmet alerta para perigo de tempestade em 24 municípios de Goiás



ECONOMIA
Goianos estão entre os 10 maiores bilionários do Brasil em 2019; veja a lista

Comentários

Os comentários publicados aqui não representam a opinião do jornal e são de total responsabilidade de seus autores.

Continue lendo

Mais lidas

- 1 Jovem assassinado no Chorinho tinha passagens pela polícia e estava solto...
- 2 Jovem é assassinado durante o Chorinho, no Centro de Goiânia
- 3 Trecho da Avenida Goiás, em Goiânia, será liberado apenas parcialmente
- 4 Com início de nova etapa de obra na Avenida Goiás, trânsito no Centro de...
- 5 Prefeitura entrega trecho da Avenida Goiás e novas interdições começam...

Continue lendo

Mais lidas

- 1 Jovem assassinado no Chorinho tinha passagens pela polícia e estava solto...
- 2 Jovem é assassinado durante o Chorinho, no Centro de Goiânia
- 3 Trecho da Avenida Goiás, em Goiânia, será liberado apenas parcialmente
- 4 Com início de nova etapa de obra na Avenida Goiás, trânsito no Centro de...
- 5 Prefeitura entrega trecho da Avenida Goiás e novas interdições começam...

Continue lendo

Mais lidas

- 1 Jovem assassinado no Chorinho tinha passagens pela polícia e estava solto...
- 2 Jovem é assassinado durante o Chorinho, no Centro de Goiânia
- 3 Trecho da Avenida Goiás, em Goiânia, será liberado apenas parcialmente
- 4 Com início de nova etapa de obra na Avenida Goiás, trânsito no Centro de...
- 5 Prefeitura entrega trecho da Avenida Goiás e novas interdições começam...

As notícias compartilham parte do texto, sendo a segunda com mais informações. Em ambas as notícias há menção a insegurança do local e citam inclusive eventos passados. Logo de início, as chamadas são bem chamativas: “Jovem é assassinado no Chorinho, no centro de Goiânia”. Diferente das outras notícias no tópico de divulgação, por exemplo, apresentam a localização logo no título

Ambas possuem imagem do local do evento, bem ampla, com o local cercado e com viaturas. De todas as notícias, essa é a entrevista com Carlos Brandão são as únicas que trazem imagem do evento em si (não das atrações).

A segunda matéria tem ainda problemas quando se trata da forma como tratou o homicídio. Em seguida do nome da vítima, como se justificando, fala que o jovem morto já tinha passagem da polícia e estava solto havia uma semana.

Além disso, as duas matérias destacam uma frase do organizador, Carlos Brandão, de forma que parece normalizar a violência no espaço, como se comum. A afirmação de que o local “costuma ser alvo de pessoas que vão só para praticar violência” é colocada de uma forma que leva o leitor a ficar assustado e receoso com local.

Ambas as notícias não trazem maiores discussões sobre a segurança do local, medidas que serão tomadas para não acontecer ou cobranças com relação aos órgãos públicos de segurança.

As notícias trazem a idade e nome do jovem assassinado, que tem 16 anos. Há todas as informações para o leitor que não conhece o evento até então, falam o que é o chorinho (diferente da primeira matéria de divulgação, por exemplo, que não fala nem que se trata de um evento de música), onde fica, quem foi assassinado, qual a idade.

Dessa forma, do total de 13 notícias em que o Chorinho é citado, duas delas são sobre acontecimentos violentos, representando 15,28%. É interessante pensar que, tal como Porto (2010) observa, a nossa sociedade vive em torno da espetacularização da violência, ou seja, essa reportagem chama muito mais atenção que qualquer uma das outras. Vale perceber também que o mesmo acontecimento teve duas matérias completas no site, diferente de qualquer divulgação.

Observações gerais sobre as matérias

A tabela seguinte representa a divisão da quantidade de vezes em que o Chorinho apareceu nas mídias digitais do O popular de acordo com as divisões apresentadas anteriormente:

Divisão	Porcentagem
Matérias de divulgação	3 matérias (23,8%)
Matérias sem foco no evento	8 matérias (53,7%)
Matérias de acontecimento violento	2 matérias (15,28%)

Como visto nos tópicos acima, o evento aparece muito pouco se considerarmos a quantidade de vezes que aconteceu durante o ano (cerca de 50) e público que frequenta (chegando a 2000 pessoas). Mesmo com tudo isso, foram apenas 13 citações no período de um ano. Dessas citações, a maioria delas estão no magazine (que é um caderno de divulgação, mas como foi analisado não tem informações e acaba atingindo quem já conhece o evento) em meio a outros acontecimentos, sem foco no Chorinho, ou são citações em meio a outros temas. Essas matérias não explicam, por exemplo, o que é o Chorinho, qual a constância dele, sua história e o que representa na cidade.

Sendo assim, o que se demonstra é uma carência de uma divulgação mais constante, que apresente o Chorinho como foco. Dessa forma, quando houver acontecimentos violentos, as pessoas já saberão que o evento ocorre a muito tempo e que não é cotidiano esses atos de violência.

Se a constância com que o evento aparece é pequena e geralmente em matérias com menor visibilidade e que não chamam a atenção, quando acontecer e for divulgado algum acontecimento violento, será este que ficará marcado na imagem do evento.

Dessa forma, o jornal poderia, por exemplo, trazer mais matérias como a da entrevista com o organizador, Carlos Brandão, que levantam a discussão sobre a violência nos espaços de lazer, a ocupação desses espaços e mais. Poderiam utilizar esse espaço na mídia para cobrar maior segurança das autoridades responsáveis.

CAPÍTULO 05

GRUPO FOCAL

A pesquisa foi feita com dois grupos focais. Por grupos focais se entende, segundo Berg (1998), um diálogo com pequenos grupos sobre temas específicos. Os dois utilizados nesta pesquisa foram divididos em pessoas que participam do evento e que nunca foram. Nesse sentido, a intenção é comparar o que elas pensam do evento, qual sensação a matéria desperta, se iria ao evento a partir delas.

O primeiro grupo, de pessoas que frequentam o chorinho, foi selecionado escolhendo primeiro uma pessoa que frequenta o local e pedindo indicação de outras pessoas que frequentam e pudessem participar. O segundo foi selecionado da mesma forma, escolhendo alguém que nunca foi ao evento e pedindo indicação de outras pessoas. Além disso, conforme respondido por Carlos Brandão, o idealizador do evento, ele estima que a maior parte do público do Chorinho tenha entre 20 e 40 anos, portanto os participantes de ambos o grupo estavam nessa faixa etária.

O local para esse diálogo foi na Sala 4 da Faculdade de Informação da Universidade Federal de Goiás, local sem interferência de terceiros e com fácil acesso. Além disso, todas as informações da pesquisa serão mantidas em sigilo absoluto, sendo usada apenas para finalidade acadêmica.

De acordo com a análise das matérias em que o evento é citado, ficou perceptível que elas se dividem em três tipos: de divulgação, sem foco no evento e com foco em acontecimentos violentos. Dessa forma, como o segundo tipo representa a maior parte dessas matérias, foi esse o critério estabelecido para a seleção das matérias que foram apresentadas aos grupos. Foram apresentadas

um total de 4 matérias, uma de divulgação, duas sem foco no evento e uma de acontecimento violento.

A metodologia para guiar os grupos focais foi feita tentando deixar os participantes dos grupos o mais livre possível para se expressar. Dessa forma, os passos foram os seguintes: apresentar o tema de pesquisa e pesquisador, apresentação do grupo e, por fim, apresentação das matérias selecionadas de acordo com cada categoria.

A partir da análise das matérias e dos grupos focais serão traçados paralelos entre os mesmos. Dessa forma será possível entender melhor os sentidos que as matérias veiculados passam. Nesse sentido, será possível compreender se essas matérias de divulgação conseguem, de fato, chamar as pessoas para o evento, qual matéria chama mais atenção e outros. Também será possível compreender qual a percepção das pessoas que não frequentam o espaço sobre ele com base nas matérias e qual a percepção de pessoas que já frequentam, se sentem que as matérias são, de fato, compatíveis com o que pensam do evento.

Matéria de divulgação

Quando apresentados para as matérias que divulgam o evento, a maior parte dos participantes de ambos os grupos focais disseram que essa matéria não despertava interesse para o evento ou que faltavam informações que chamassem mais atenção, ou até que explicasse melhor o que é o evento.

A crítica esteve muito associado ao que, como foi visto na análise das matérias, tem no conteúdo dessas matérias: o foco delas são as atrações, não o evento em si. No grupo focal com pessoas que nunca frequentaram o evento, principalmente, sentiram falta de uma explicação do que é o Chorinho. A matéria inicia com o seguinte texto: “O Grande Hotel Vive o choro, mais conhecido como Chorinho, será realizado nesta sexta-feira (...)”. Dessa forma, para pessoas que não tem contato prévio ou desconhecem o evento, a matéria não chama atenção e tampouco dá maiores informações sobre o evento.

Há também o problema das bandas não serem suficientes pra atrair o leitor, como pode ser visto no comentário abaixo:

É uma matéria que não chama atenção, é muito mais informativa do que, de fato, dizer o que é o evento. Assim, de supetão, eu veria a matéria e iria pular ela. (A, 26 anos)

Uma das soluções para esse problema poderia ser, por exemplo, traçar a importância cultural que o Chorinho têm em Goiânia, fazer uma retrospectiva histórica do evento.

Principalmente para o grupo de pessoas que nunca haviam ido ao evento, que tinha algumas pessoas nem o conheciam, essa falta de informações da matéria foi um ponto bastante citado, como pode ser visto nos trechos abaixo ditos durante a conversa:

Eu acho que é pra um grupo específico, pessoas que já conhecem o chorinho, sabem o que é ou pelo menos tem alguma noção que lá é um lugar de shows. Porque ela me remete muito a um review de filme. Se você não tá interessado em ver o filme, ela não vai te fazer querer ver o filme. (...) Sabe, não dá vontade de conhecer. É pra quem já conhece ou tem uma visão prévia do que seria o chorinho. (G, 25 anos)

Eu tenho que concordar, porque até o título da matéria não fala nem que é show, tem magazine em cima e já fala: diego mascate, patocan e grupo dengo no chorinho (L, 19 anos)

Guilherme: Exatamente. Se você não conhece nem o que seja isso, pode ser qualquer coisa. Não fala nada, sabe?

Pode ser qualquer lugar

Guilherme: Chorinho é um show? Chorinho é um cantor? Chorinho é um artista?

Adilson: Eu acho que realmente faltou mais...

Guilherme: mais informações, o que é o chorinho? O jornal qualquer pessoa compra, pode acessar. Ela escreveu essa matéria por um motivo específico e, se não tem tanta informação, é porque não é pra ter. A gente conhece esse perfil de pessoa que ela escreveu o texto (pessoa que conhece o chorinho).

Leticia: Talvez se ela colocasse embaixo do título: evento quinzenal que acontece em frente ao Grande Hotel.

De fato, essa percepção de que a matéria serve para um público específico ficou clara quando, a mesma matéria, apresentada no grupo focal de pessoas que já conhecem o Chorinho, acharam a matéria atrativa. Dessa forma, por já conhecerem o evento, eles acharam interessante porque não necessitavam das informações extra, porque já se interessam pelo Chorinho e não precisam que expliquem o que é, como funciona e mais.

Luiz: Eu acho que é bastante descritiva...E convida mesmo, você consegue ter uma ideia da atmosfera que vai ser

Samantha: É... é bem descritiva. Não tem música que eu gosto, mas caso eu gostasse, se trocasse por bandas que eu goste, eu poderia ir....

Matérias sobre acontecimento violento

A matéria apresentada em seguida para os dois grupos foi a do assassinato ocorrido no local. A percepção do grupo de pessoas de que nunca foram ao Chorinho é de que a matéria tem mais informações, gera maior choque e traz uma carga negativa para o evento. Com a conhecimento dessa matéria, os participantes do grupo de pessoas que não conhece o evento ficaram assustados e relataram que não iriam ao local por conta do medo.

Adilson: Ela poderia ser simplesmente uma reportagem policial. Mas eu acho que ela traz uma carga negativa pro evento quando ele coloca a questão de que “mas ainda assim o Chorinho costuma ser alvo de pessoas que vão só para praticar violência”

Guilherme: Lá é um covil de pessoas assassinas, parece que é isso que ele fala.(...)

Ainda assim, de acordo com a evolução da discussão, foram estabelecendo pontos de comparação com a matéria de divulgação que foi apresentada antes. Nesse sentido, perceberam que essa matéria já traz uma retrospectiva de acontecimentos no evento, a chamada é chocante e chama mais atenção, tem uma foto ampla do evento (a anterior tinha foto das atrações).

Essa matéria é o oposto da outra que a gente viu. Seja pela formatação, pelo tamanho. Ela é matéria com foto, ela chama mais atenção. Antes de ler, o título dela: Jovem assassinado no Chorinho. A outra é não sei o que, não sei o que, não sei o que, chorinho. Essa daqui já traz palavras chaves importantes. (...) É mais vantajoso vender essa que a outra. Vender coisa ruim da cultura do que vender as coisas boas, fazer as pessoas conhecerem, seja lá qual seja o motivo da escolha.

Percebem também a diferença no trabalho de resgate histórico e impacto das imagens colocadas. A retrospectiva histórica nas matérias de divulgação é feita somente em duas delas, na entrevista e na divulgação do show de um ano da volta do chorinho.

O público que é alvo dessa matéria também é lembrando. Das matérias de divulgação, apenas duas oferecem mais informações, as outras são bem reduzidas e, por isso, por essa falta de informações importantes para quem não conhece o evento, acabam chamando atenção de quem já conhece o evento. Já essa, a do assassinato, acaba atingindo todo mundo, pois choca e cria identificação com os leitores.

Luiz: E a foto? A foto é assustadora, né? Um monte de viatura, um monte de policial e uma área cercada. Também tem data, outro acontecimento, local, outro assassinado, no outro não resgata outros shows, nada. Ai fala mais do chorinho que no outro.

Na outra matéria, soou como se o Chorinho fosse receber um show, que poderia ser em qualquer outro lugar, porque é só mais um show. Já nessa não, aconteceu um assassinato lá (...)

Guilherme: Tem até o nome do cara que organiza, no outro ninguém sabe quem é. Ninguém sabe nem o que é. Nesse já fala exatamente o que é, quem organizou, qual tipo de arma usada, quantos tiros, idade... Tem muitos mais dados pontuais. A outra matéria era só pra um nicho, essa tem tanto dado pra atingir todo mundo. Então se você sabe o que é uma arma 38 e ler essa matéria, vai se identificar... Uma mãe com filho de dezesseis anos, vai ler e se identificar. Então tem muito mais dados pontuais pra pegar o máximo de gente possível. A outra, por exemplo, tem bem menos dados pra atingir um público específico.

Vitória: A outra, que era pra chamar, não conseguia chamar, não conseguia mostrar o que era. Essa, que é pra afastar, já te fala: tal dia, tal horário, tem o que... Não vá.

Guilherme: (...) Ele fala tipo, por mais que tenham viaturas, é perigoso, o cara chegou e deu três tiros. Não fala nada tipo, o evento tem estrutura, é bem iluminado, tem muita gente... tem caixa, tem bar. Não traz nada de melhorias pra segurança. Não fala se é uma praça, florida. Talvez ele estivesse passando na rua...

Vitória: Acaba passando a impressão de que algo que acontece uma vez acontece sempre.

Guilherme: Ainda resgata a do ano passado, tipo, não foi só essa vez, ano passado também. Só pra você ter certeza de não ir.

possível notar também que começam a associar eventos culturais abertos com esse tipo de acontecimento. Conforme dito por Porto (2010) a partir do momento em que esses eventos abertos passam a terem essa imagem de perigosos, então os ambientes fechados passam a se tornar uma opção. Dessa forma, foi ficando visível o que é dito pela autora na conversa desse grupo, conforme pode ser visto nos trechos abaixo.

Guilherme: Falta só um mapa ali. A foto é um local cercado, pra você ter certeza de não pisar.

Lucas: E essa matéria traz pra gente que o chorinho é um local violento. Eles falam que o chorinho é um local violento...

Vitória: E acaba tendo aquela impressõzinha. Poxa, quando tentam fazer um rolê cultural em Goiânia, acontece essas merdas. Então os próximos acontecimentos pode ficar um resquício na sua mente, tipo: ah, é rolê cultura, é aberto, então corre risco de assassinato.

Ainda comparando as duas matérias, uma das pessoas que não conhecem o evento diz que na primeira o foco era maior nas bandas que iam tocar, já nessa é um assassinato no Chorinho, o local tem total relevância.

Dessa forma, de maneira resumida, o grupo focal com pessoas que não frequentam o local acharam essa matéria chocante e mais chamativa. De todo, mesmo com a matéria de divulgação do evento, compreendem que o evento está com uma imagem de perigo.

O segundo grupo, de pessoas que já conheciam o evento, fez uma leitura diferente da matéria. Com base em suas experiências anteriores com o evento e vivência na cidade, compreenderam que a matéria é bastante taxativa e que não corresponde ao que eles pensam e conhecem do Chorinho.

Luiza: Eu acho que pra gente, que sempre frequentou o chorinho... Sempre foi um lugar bem mais leve, assim. Então, nunca foi pra mim, talvez porque eu nunca presenciei nenhum tipo de violência, só ouvi as pessoas falarem. É uma coisa que distoa muito pra mim. E eu já ouvi

de outras pessoas falarem “ah, porque o chorinho só vagabundo frequenta”, que já foi um lugar melhor. Mas assim, eu acho que foi uma boa introdução pra mim, que não sou de Goiânia, foi uma boa introdução do que Goiânia pode oferecer. Então eu acho que podem acontecer sim, assim como pode acontecer violência em qualquer lugar, contando que é um lugar aberto né, mas isso não tem que caracterizar o evento, sabe? Até porque é muito importante a proposta de ocupar o centro de Goiânia na sexta a noite.

Leonardo: Eu não acho que seja uma regra, igual colocou a reportagem, de que as pessoas vão lá praticar violência. Até pode acontecer por essa questão de ser aberta, mas eu não vejo o pessoal indo pro chorinho pra trocar porrada, por exemplo.

Como pode ser visto, o grupo levanta também a discussão sobre a questão da cidade ser perigosa. Além disso, lembram também o fato de ocorrer no centro de Goiânia, local conhecido por ser abandonado durante a noite, sendo o Chorinho uma das poucas tentativas de reviver e utilizar esse espaço. Destacam que, durante os outros dias, não passariam no centro de Goiânia para andar, porque não tem nada, mas no dia do Chorinho não sentem essa sensação de insegurança comum naquele espaço durante a noite.

Outro ponto notado na fala deles é que, além do local ser estigmatizado como violento, as pessoas que o frequentam também carregam parte desse estigma, sendo chamados de vagabundos e mais.

(...) Ai infelizmente começou a carregar esse estigma. Primeira vez que aconteceu coisa de violência o povo ficou chocado, segunda também, a terceira já começou a preocupar... Ai jornal vai em cima, matéria cai em cima, ai por isso carrega esse estigma hoje em dia... Tipo assim, ser um local violento, de o povo falar que só frequenta vagabundo (H, 33 anos)

Samarone: Quando vai pra sociedade, a pessoa que escreve uma nota como essa, choca. Eu conheço pessoas que frequentavam o chorinho e não vão mais. “Ah, o chorinho tá tenso”. Gente? Como assim tenso? Isso acontece em Goiânia inteira.

Natasha: E eu acho que assim, o centro de Goiânia, ele tem essa característica de ser perigoso... É um espaço perigoso. Não é a mesma cidade de dia e noite, então você andar no centro as 2 da tarde é uma coisa, você andar 9 é outra... É pesado, é pesadíssimo

Eles começam a notar que os eventos culturais gratuitos em Goiânia costumam durar pouco tempo e muitas vezes acabam e param de acontecer. Citam alguns outros eventos em Goiânia que são estigmatizados e outros que acabaram. Lembram que o próprio Chorinho já foi desativado algumas vezes.

Samantha: Todos esses eventos culturais mais acessíveis sempre são marginalizados, sempre acontece alguma coisa. A impressão que você tem é que, por ser acessível, ele vai ser marginalizado.

Natasha: E sempre que acontece alguma coisa, é que nem eu já falei, esse problema de violência já acontece aqui. E sempre que acontece esse problemas assim, tem uma chance enorme do evento ser cancelado e não voltar. O chorinho mesmo, deve ter um ano que ele voltou, mas a última vez antes disso que eu tinha ido no chorinho foi no Ensino Médio eu tinha 16 anos e era na rua do lazer ainda.

Dessa forma, o que se percebe nesse grupo focal é que, por terem uma experiência prévia no evento, conseguiram analisar a matérias e comparar com as experiências que já tem, ou seja, mesmo a matéria tratando o local como perigoso, a análise deles é contrária a isso, pois não consideram que seja a realidade do local. Além disso, lembram bastante que a violência é alta na cidade toda, principalmente no Centro, e que esse fator tem que ser levado em consideração ao analisar o evento.

Matérias que citam o chorinho, mas sem foco no evento

A outra matéria apresentada para a discussão têm como foco a história do Grande Hotel. Essa matéria tem início contando a sua importância para a cidade, que era um ponto turístico antigamente, no fim, quando se fala do funcionamento atual do grande hotel, é citado que o Chorinho acontece lá todas as sextas. Essa matéria teve uma recepção positiva em ambos os grupos focais. Embora não tenha focado no Chorinho, o fato dele trazer uma retrospectiva de um prédio importante para a história Goiana chama a atenção, embora não propriamente para o evento,

Luiz: Eu sabia que o chorinho acontecia no lugar lá, só isso. Agora atribui um significado ao grande hotel. É como se me dissesse: gente, olha como o grande hotel é legal. Ele já foi isso, já foi aquilo, ele significa isso pra história de Goiânia e pro povo goiano. E lá, além de tudo, ainda tem o chorinho.

Guilherme: É como se o prédio fosse um centro de coisas culturais, e uma delas é o chorinho. Tem a questão museológica do hotel, art déco, foi construído na data tal. E você conhece o prédio pela questão histórica, mas tem também o chorinho.

Guilherme: Se fizessem uma matéria igual fizeram com o grande hotel com o chorinho. Quando foi feito, quem fez, em que época, porque foi

criado... toda essa questão histórica do evento. Porque foi colocado dentro do grande hotel. (...) Então, se colocassem essa questão histórica do evento, do evento em si, colocar o evento como parte histórica da cidade, então eu acho que teria muito mais interesse das pessoas que não conhecem.

Dessa forma, o interesse maior nessa matéria foi no prédio para o grupo de pessoas que não conhecem o evento. Até a sugestão de que possa ser feita matérias assim com o evento é dada por um dos integrantes desse grupo.

O segundo grupo, de pessoas que já frequentam o Chorinho, essa matéria também é interessante, pois agrega a cultura local. Além disso, eles percebem que o Chorinho, assim como o Grande Hotel, deveria ser tratado como patrimônio cultural da cidade.

Natasha: A matéria contando a história do grande hotel é interessante. Porque em todos os estados eu vejo que, assim, tem um apego com o negocio de cultura. Tem assim, os lugares históricos. E aqui em Goiânia a gente não vê muito isso, até porque Goiânia é uma cidade nova né... Da década de 60 pra frente que aqui expandiu. Essa matéria contando sobre a história do chorinho, do grande hotel, me dá vontade de ver

Leonardo: você fica com vontade de conhecer. Você lê a história e fica: tem isso aqui? Pera ae, onde eu posso ir lá?

Samantha: Justamente... O chorinho, não só o Chorinho como o Grande Hotel, não é só pra quem mora em Goiânia... Quem vir visitar a cidade: o que tem em Goiânia que não tem em lugar nenhum? Porque boate, lanchonete, você faz em qualquer lugar, mas o que Goiânia tem a oferecer que só tem em Goiânia? São essas coisas que caracterizam a gente como cidade cultural, por exemplo, o chorinho é uma coisa de Goiânia que só tem aqui (...) São os espaços culturais que vão dar a identidade da cidade. Se a gente marginaliza e periferiza essas coisas, é complicadíssimo... porque a cidade vai ficando preconceituosa.

A segunda matéria desse grupo é, a primeira vista, uma matéria de divulgação, mas não foi encaixada nessa categoria não tem como foco divulgar o Chorinho, mas diversos eventos que acontecem na cidade, dessa forma a visibilidade para o evento é pequena. Dessa forma, é uma matéria que divulga o evento, mas se encaixa mais na categoria de matéria que cita o evento, mas sem foco nele. Esse tipo de matéria é a que o evento mais aparece, citado em meio a outros em um calendário de eventos da cidade.

Guilherme: No mesmo tópico de show, porque a matéria é separada em Teatro, Show. O outro show, que tá na mesma página que o chorinho, tem o dobro de espaço. (...) Então, aí é igual a primeira, o mínimo pra quem conhece lembrar que tem, nada a mais pra contribuir.

Adilson: Só que essa daí menos ainda, né. Porque a outra ainda falava sobre quem era a atração. Essa é duas linhas só e é, de fato, pra quem não tem o que fazer e tá procurando o que fazer no fim de semana.

Dessa forma, novamente o grupo de pessoas que não conhecem o evento sentiu falta de informações mais detalhadas sobre o que é, mesmo que esse não seja o foco dessa coluna. Para eles, essa matéria é pouco chamativa e não convida para o evento, serve somente para lembrar quem já conhece que vai acontecer, já que não dá muitas informações sobre o evento.

Reportagem mais chamativos

O primeiro grupo, de pessoas que não nunca foram ao chorinho, acham a matéria do acontecimento violento a mais chamativa e marcante. Além disso, notam que provavelmente, pelas matérias de divulgação não darem algumas informações e serem pouco chamativas, provavelmente acabariam pulando sem ler.

Lucas: A do assassinato é mais chamativa, porque foi maior, mais trabalhada, falou que lá tem muita violência, que teve dois assassinatos, teve uma imagem gigantesca.

Guilherme: Você olhando as materiais visualmente só ela e a do grande hotel tem imagem, A do grande hotel trouxe imagens do grande hotel, não do chorinho em si. Então a única imagem do chorinho que tem nessas matérias é de uma faixa na rua com um monte de polícia em volta. Nada falando do que é, o que é, onde é.

Adilson: Se eu tivesse no site olhando, as duas que são de programação, eu ia pular.

Nesse sentido, ao contrário do primeiro grupo, o grupo de pessoas que já foram ao Chorinho acham mais chamativa a matéria do Grande Hotel. Ainda assim, notam também que, caso a pessoa só conheça o evento por meio das notícias, a mais marcante seria outra.

Hugo: Se qualquer um fizer o teste e conversar com alguém que não é daqui de Goiânia, dizer assim: pow, qualquer dia que vier aqui vamo no Chorinho, pesquisa ai e me diz o que você acha do local. Primeira coisa que vai te falar: pow cara, não parece um bom local.

Kaue: Mas o que chama mais atenção é o assassinato. Da perspectiva de alguém que nunca ouviu falar do chorinho, a que vai chamar mais atenção é a do assassinato.

Considerações finais

A intenção dessa pesquisa foi investigar as representações sociais do Grande Hotel vive o Choro, mais conhecido como Chorinho, nos discursos das mídias hegemônicas. Em primeiro momento foram recolhidas todas as matérias que faziam referência ao Chorinho no período de 1 ano, entre 2018 e 2019.

Pode-se perceber nessas reportagens que o evento, de tamanho médio (chega a levar 5000 pessoas para a rua) e que acontece semanalmente nas ruas da cidade, pouco aparece nessas mídias. Fica claro o quão pouco o evento aparece quando pensamos que durante o período analisado foram cerca de 50 edições do evento, mas apenas 13 matérias fazem referência ao mesmo no período. Além disso, essas matérias, em sua maioria, sequer tem o evento como protagonista. Dessa forma, notou-se a carência de matérias que coloquem o evento como principal, que estimulem a participação das pessoas, crie um sentimento de pertencimento cultural.

Além disso, nas poucas matérias de divulgação em que o evento aparece como protagonista, duas delas trazem poucas informações sobre o evento, deixando as bandas que irão tocar na semana no foco. Dessa forma, um evento que aparece pouco, fica marcado pelas matérias mais chamativas, ou seja, as com acontecimento violento, que representam 15,7% de matérias totais em que o evento aparece. Principalmente quando se considera que vivemos em uma sociedade que a violência é extremamente comercial e vendo, como afirma Porto (2010).

Durante o período analisado, houve um acontecimento violento (assassinato no local) e duas matérias sobre esse tema. Ambas as matérias trazem informações sobre o evento (o que é, onde), foto do evento e retrospectiva de atos violentos. Dessa forma, elas são as mais chamativas entre

todas as matérias analisadas. Dessa forma, o evento que pouco aparece, fica reconhecido pelas matérias que atingem mais pessoas, que são as de violência.

O que se verificou nas matérias analisadas foi, portanto, uma carência de matérias que deem mais foco ao evento, que tratem como patrimônio cultural da cidade e ajudem, de fato, a convidar pessoas que não conhecem para o local.

Depois da análise das matérias digitais do O popular no período entre janeiro de 2018 e janeiro de 2019, buscou-se compreender como as pessoas que frequentam o Chorinho e pessoas que nunca foram compreendem e ressignificam essas matérias.

A carência de matérias que contribuam para chamar pessoas e divulgar o evento foi perceptível no grupo focal com pessoas que nunca foram ao evento. Para essas pessoas, as matérias que deveriam chamar para o evento chamavam pouca atenção, enquanto a do acontecimento violento era muito chocante. Dessa forma, as matérias que deveriam contribuir para chamar pessoas não cumpre seu papel e as que afastam, como a do assassinato, conseguem chamar. Dessa forma, como observado por Porto (2010), com medo da violência e insegurança, o privado vai se tornando cada vez mais uma opção, afastando as pessoas dos espaços públicos.

Um dos pontos abordados pelo grupo focal de pessoas que nunca forma ao Chorinho é de que as matérias com foco em divulgação não chamavam a atenção e algumas delas faltava informações importantes sobre o evento, dessa forma só chamariam a atenção para pessoas que já conhecem o evento. O segundo grupo, que já conhecia, realmente achou a matéria interessante, porque já tinham informações prévias sobre o que é o evento.

Além disso, a percepção de ambos os grupos para as matérias de acontecimento violento é que elas são muito mais chamativas que as de divulgação. Além de chamar mais atenção, são matérias com um trabalho de retrospectiva, foto do local, manchete chamativa e conseguem chamar a atenção de pessoas que não conhecem o local, diferente das de divulgação. O grupo que já frequentava o local compreendeu que essa matéria não fazia jus ao que é o evento, mesmo que chame mais atenção, que eles, que já frequentam o local, acham o espaço seguro.

O grupo focal de pessoas que não frequentam o Chorinho também não recebeu as matérias sem um processo de criticidade, perceberam que, diferente das matérias de divulgação, essa chamava muito mais atenção e trazia apenas informações que caracterizavam o evento como inseguro. Além disso, compreenderam também que faltava matérias de divulgação mais interessantes que chamassem a atenção das pessoas que não frequentam o local. Matérias que trabalhassem e explicassem o que é o Chorinho, o que representa na cultura Goiana, além de só informar quais bandas estarão.

CAPÍTULO 06

CONSIDERAÇÕES

Esse artigo pretendeu analisar como o Chorinho, evento cultural público de Goiânia, é divulgado pela grande mídia. A intenção era compreender a participação da grande mídia no processo de construção das representações sociais sobre o mesmo. Para tanto, foram analisadas as edições entre janeiro e dezembro de 2018 do Jornal Daqui.

A princípio o que fica claro é a pequena quantidade de matérias que saem sobre o evento, mesmo sendo de tamanho médio e acontecendo semanalmente, além de ser parte importante do cenário cultural da cidade, levando nomes importantes para o palco. Além disso, quando acontece algum acontecimento trágico no local, como morte, é um dos poucos momentos no qual a grande mídia volta a sua atenção para o mesmo.

Sendo assim, se a população não conhece o evento, mas sempre que o vê parece estar associado a alguma situação violenta, então o mesmo é sempre associado a violência. É nesse sentido que, uma vez que essa associação entre violência e chorinho seja completamente assimilada, provavelmente as pessoas vão deixar de frequentar o local.

As discussões de segurança pública levantadas no trabalho mostram que uma das características que tornam os locais menos perigosos é a ocupação do espaço. Sendo assim, se as pessoas vão deixando de frequentar, então se torna um ciclo vicioso.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, S. Exclusão socioeconômica e violência urbana. *Sociologias*. Porto Alegre, no.8, July/Dec. 2002, p. 84-135.
- BAUMAN, Zygmund. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.
- BAUMAN, Zygmund. *Confiança e medo na cidade*. Lisboa: Relógio D'água, 2006
- BAUMAN, Zygmund. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008
- BAUMAN, Zygmunt, 1925- *Globalização: as consequências humanas / Zygmunt Bauman; tradução Marcus Penchel*. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- CALDEIRA, T. São Paulo: três padrões de segregação espacial in: CALDEIRA, T. P. do R. *Cidade dos muros. Crime segregação e cidadania em São Paulo*. SP: Editora 34 / Edusp, 2000. p.211 a 255.
- CASTRO, Gardene. *Representações sociais de jovens de Goiânia: a negociação dos sentidos em relação aos discursos midiáticos a respeito de si*. 2017.
- CHAUI, M. Sobre a violência. In: CAMACHO, T. (Org). *Ensaio sobre violência*. Espírito Santo: EDUFES, 2003.
- FRATTARI, N. Discursos e representações do medo da violência na cidade de Goiânia. In: SOUZA, D. (Org.). *Violência urbana em Goiás. Práticas e Representações*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2011. p.79-113.]
- FRATTARI, N. Sentimento de Insegurança na Cidade de Goiânia. In: SOUZA, D. (Org.). *Violência urbana em Goiás. Práticas e Representações*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2011. p.31-51.
- JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão In: JODELET, D. (Org.). *Representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. p. 17-44.
- MICHAUD, Y. *A violência*. São Paulo: Ed. Ática, 2001.

MOSCOVICI, Serge. Representações sociais: investigação em psicologia social. Rio de Janeiro, Vozes, 2012.

PORTO, M. S. G. Mídia, segurança pública e representações sociais. Revista Tempo Social, São Paulo: USP, Departamento de Sociologia, v.21, n.2, 2009, p.211-233.

PORTO, Maria Stela Grossi . 2015 - A violência, entre práticas e representações sociais: Revista Sociedade e Estado - Volume 30 Número 1 Janeiro/Abril 2015

SILVA, Luise Martins da. Espaço público e cidadania: usos e manifestações urbanas / Luise Martins da Silva. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2009.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana/Marcelo Lopes de Souza. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

AUTORES

JOSÉ CAMILO NUNES NETO

Pós-graduado em Gestão de Projetos pela Faculdade Descomplica. Graduado em Relações Públicas pela Universidade Federal de Goiás.

E-mail: netonunesjji@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9595458672979517>

GARDENE LEÃO DE CASTRO

Professora do Curso de Relações Públicas da Universidade Federal de Goiás. Pós-Doutora em Educação. Doutora em Sociologia. Mestre em Educação. Pós-Graduada em Assessoria de Comunicação. Pós-Graduada em Juventude. Relações Públicas.

E-mail: gardeneleao@ufg.br.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2927850480430185>

